



Diário Oficial

PODER
Executivo

Estado de São Paulo

José Serra - Governador SEÇÃO I

Palácio dos Bandeirantes Av. Morumbi 4.500 Morumbi São Paulo CEP 05650-000 Tel. 2193-8000

Volume 119 • Número 59 • São Paulo, sábado, 28 de março de 2009

www.imprensaoficial.com.br

imprensaoficial

USP Ribeirão Preto desenvolve pesquisa com látex natural para combate às rugas

As mulheres (e também os homens), em breve, poderão dispor de mais uma arma no arsenal de combate às tão temidas rugas. Pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) e das empresas Pele Nova Biotecnologia e O Boticário realizaram pesquisa conjunta para o desenvolvimento de um gel antirrugas à base do látex da seringueira, do qual é feita a borracha natural.

Eles identificaram, isolaram e testaram uma proteína extraída da seiva bruta da *Hevea brasiliensis* que, aparentemente, dilui os sinais da passagem do tempo sobre a pele. Teste realizado com 60 mulheres com idade próxima a 50 anos indicou redução de 80% das rugas na região da testa e dos olhos, após quase um mês de uso diário.

Avaliação mais ampla, com quase 300 mulheres de Curitiba, levou a resultados próximos. Se correrem sem problemas as etapas

Trabalho (em parceria com a iniciativa privada) criou um gel que restabelece a produção de colágeno e que pode estar à venda ainda este ano

finais de desenvolvimento tecnológico e de produção, o novo gel antienvhecimento, capaz de restabelecer a produção de colágeno e a elasticidade da pele, pode estar à mão de mulheres e homens ainda este ano.

Sucesso em cães – O estudo sobre o látex da seringueira acontece desde 1994 na USP de Ribeirão Preto. O novo creme representa uma das aplicações mais recentes do produto. O químico Antonio Cesar Zborowski, de uma indústria de borracha natural da região de São José do Rio Preto, dois médicos da universidade, Joaquim Coutinho Netto e Fátima Mrue, criaram

próteses de esôfago com borracha natural e as implantaram em cães. Eles concluíram que esse material deveria conter substâncias que estimulavam o crescimento de vasos sanguíneos e de tecidos ao observarem que, depois de quase um mês, os animais expeliam as próteses e o esôfago havia se reconstituído.

Os resultados atraíram o interesse da Pele Nova, que licenciou a patente em 2002 e, dois anos depois, começou a produzir a membrana de látex. Seu primeiro uso foi a cicatrização de feridas, principalmente em pés, de portadores de diabetes. É o único uso da biomembra-

na, chamada comercialmente de Biocure, aprovado pelos órgãos reguladores do governo.

“Reconhecemos que não tínhamos competência para cuidar bem de todas as áreas”, conta Marcos Silveira, diretor-presidente da Pele Nova. Ele repassou as tarefas de venda e distribuição para uma empresa especializada em produtos farmacêuticos e concentrou os esforços no departamento de pesquisa e desenvolvimento, instalado em Ribeirão Preto, próximo à USP. Coutinho e Silveira seguiram juntos e concordaram que deveriam encontrar os componentes do látex para evitar que a membrana fosse tratada como uma combinação de ingredientes cujos efeitos não podem ser explicados.

Da Assessoria de Imprensa da Fapesp e da Agência Imprensa Oficial

HC economiza mais de R\$ 100 mil por mês com dose individualizada

O Instituto Central do Hospital das Clínicas (IHC) investe na dose individualizada de medicamentos de todos os pacientes internados (980 leitos). A medida garante mais segurança ao doente, facilita o trabalho da enfermagem e representa economia de R\$ 107,5 mil por mês ao departamento ligado à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Após um ano, a instituição deixará de gastar R\$ 1,290 milhão.

O médico Carlos Suslik, diretor executivo do IHC, conta que antes a enfermagem recebia os remédios em doses coletivas e, de acordo com a prescrição médica, separava o tipo e a dose necessária para o consumo de cada doente. No entanto, explica que o enfermeiro poderia errar na dosagem do medicamento ou, por engano, oferecer o produto a uma pessoa, quando na realidade tinha sido prescrito a outra. “De acordo com a literatura médica, a dose coletiva pode acarretar até 16% de erro”, informa o médico. Além disso, como o excedente do consumo de cada paciente (embalagem aberta) era descartado, havia desperdício de medicamentos.

Para acabar com esses problemas, a farmácia do hospital começou a adotar, gradativamente, a dose individualizada nas 30 enfermarias do Instituto Central desde julho do ano passado. “Na dose

individualizada, há menos de 1% de erro da enfermagem”, informa o médico.

Menos desperdício – Agora, todo paciente internado tem a dose de seu medicamento embalada, identificada, dispensada e controlada diariamente pela farmácia, não requerendo controle por parte da equipe da enfermagem. A dispensação é feita mediante cópia da prescrição médica. A dose não administrada ao paciente, por motivo de alta ou mudança de conduta médica, é devolvida à farmácia e ministrada a outros pacientes, desde que a embalagem não esteja violada.

O estoque das enfermarias passa a receber somente a dose para 24 horas, solução antisséptica, medicamento injetável e medicamento para casos de emergência. A racionalização de espaço possibilita a guarda de outros materiais essenciais à assistência. Suslik enaltece os benefícios da dose individualizada: maior segurança ao paciente, melhor controle dos medicamentos dispensados e administrados, redução de tempo gasto pela enfermagem com tarefas medicamentosas e combate ao desperdício. Para facilitar o sistema de distribuição personalizado, a gestão do hospital investiu na automatização do processo de *deblistamento* – retirada dos remédios das embalagens originais e reembalagem em doses unitárias.



Equipamento desenvolvido no HC é capaz de *deblistar* oito mil unidades por hora

Inovação – A farmacêutica Lidiana Baltieri Gomes, explica que antes a farmácia possuía um equipamento manual de *deblistamento*. O funcionário tinha de forçar uma alavanca e girar um dispositivo para a máquina abrir a embalagem. Procedimento penoso e lento, segundo ela. A Divisão da Farmácia, em parceria com a Bioengenharia do Instituto do Coração, teve a ideia de adaptar o equipamento e automatizá-lo para agilizar o processo. Após sete meses de testes, em fevereiro a máquina começou a funcionar com sucesso.

A inovação representa aumento na produção. De quatro mil unidades *deblistadas* por hora, agora são oito mil unidades/hora, em média, com total segurança. Antes, o trabalho rendia 80 a 90 mil unidades reembaladas por mês. Agora, diz Lidiana, a meta é duplicar esse número com a mesma quantidade de funcionários. A invenção custou R\$ 2.910,00 e a farmacêutica sustenta que no mercado só existe a versão manual.

Da Agência Imprensa Oficial